

MULHERES QUE LUTAM PARA ALIMENTAR FAMÍLIAS: Vénia às heroínas anónimas!

05 Fevereiro 2016



CONSUMIR verduras era em tempos não muito distantes económico para muitos bolsos. Porém, nos últimos dias revela-se difícil não somente pelo preço mas também pela raridade destas em muitos campos, dada a seca que afecta o sul do país, particularmente a província de Maputo.

Contudo, pela entrega de muitas mulheres guerreiras que não se refugiam à sombra alguma, enfrentando altas temperaturas e/ou chuva, nos dias que ela cai, tal acaba chegando à mesa de muitas famílias.

Dado o cada vez mais elevado custo de aquisição, a nossa Reportagem procurou aquelas que diariamente cruzam as ruas de Maputo e Matola desde as primeiras horas da manhã e/ou mesmo debaixo de um sol escaldante vasculhando campos de cultivo e mercados grossistas, tudo para fazer chegar ao mercado e/ou à esquina de cada bairro algo que sirva para a refeição de muitas famílias.

Sobre o elevado custo de aquisição daqueles alimentos todas as vendedeiras foram unânimes nas suas respostas: O problema é o sol intenso que torna os campos cada vez mais empobrecidos e as verduras escassas. Quando é assim os poucos que conseguem vendem-na a preços exorbitantes. O custo entra em cadeia e o mais penalizado é o consumidor.

“É nessa altura que as pessoas falam de nós, apontam-nos o dedo acusador, quando o aperto é generalizado. Quando tudo está bem ninguém pensa em nós. Só somos criticadas e rotuladas de oportunistas quando a subida do preço se desencadeia na fonte”, disse uma vendeira do Mercado da Matola.

Rotina idêntica



A PAR das lamentações à volta do custo de verduras que, segundo algumas consumidoras, chega a ser mais elevado que o do peixe, conversamos com algumas vendedeiras, que nos falaram da sua rotina diária no processo de busca e venda de verduras no mercado e sobre o que efectivamente concorre para a subida dos preços.

O denominador é comum: disciplina no horário de acordar, que é sempre de madrugada e nunca à comodidade. Umas têm a vida facilitada por viverem próximo das paragens do transporte semicolectivo mas outras são sacrificadas por terem de percorrer longas distâncias nas madrugadas em busca do meio de transporte.

Madalena Bila, decana na venda de verduras, contou-nos que não se lembra de um dia sequer em que tenha faltado verdura na sua banca, de tal forma que virou uma referência na zona.

“Toda a gente me procura durante e/ou depois da quadra festiva pois, cansada de comer tanta carne e porque muitas das colegas interrompem a jornada para festejar, a minha banca acaba sendo alternativa por ser uma fonte inesgotável”, disse.

Conta que o segredo é ser fixa no fornecimento dos produtos que vende, consequentemente fiel aos seus clientes e ser igualmente fixa na relação com os fornecedores. “Eu compro sempre nos mesmos produtores e eles sabem que sempre irei comprar o produto e nunca deixam de reservar canteiros para mim. Numa situação de escassez vou para outros camponeses mas sempre primei pela fidelidade aos que comigo trabalham desde que abracei esta actividade de rendimento.

Não aceitou partilhar connosco o que já ganhou como resultado da venda de hortícolas mas garantiu que se trata de uma actividade rentável em certas épocas do ano, pois consegue algum lucro e uma avença para o seu ajudante.

Todas as madrugadas toma o transporte numa carrinha de caixa aberta para o campo, que dista mais de 10 quilómetros do seu bairro, que igualmente optou por não revelar. Exigente na qualidade da verdura, ela admite que essa seja a razão de muita aceitação e o seu produto dificilmente é rejeitado.

Já no Mercado de Mahlampswene, no município da Matola, encontrámos a anciã Amélia Muianga, que há quatro anos faz da verdura o seu ganha-pão. Por conta da idade já não vai aos campos de cultivo, pois isso exige muito esforço. Assim, recorre aos mercados grossistas mais próximos para não cair na dependência.

“Está difícil mas tenho de fazer algo. Não posso ficar de braços cruzados. É um grande sofrimento, porém dignificante, pois desta forma alivio aos que provavelmente tivessem que me sustentar se estivesse de braços cruzados. De certa forma dou o meu contributo”, exemplifica.

FACULDADE DOS FILHOS FEITA: A GRANDE REALIZAÇÃO!



ANGÉLICA Gazite dedica-se à venda de verduras há mais de 30 anos. Antes no Mercado da Urbanização, mas agora numa esquina do mesmo bairro. Orgulha-se por ter contribuído para a formação dos seus quatro filhos, três dos quais com o Ensino Superior já concluído.

Passa dificuldades, tal como acontece em qualquer actividade, mas a perseverança sempre falou mais alto. Assim, mesmo com a crise causada pela seca nunca deixa a sua esquina vazia, pois já tem clientes fixos.

As suas fontes são os mercados de Xikhelene, Vulcano, Fajardo e Malanga. Para tal, desperta diariamente às quatro horas da manhã e procura o meio de transporte, que tem sido o “chapa”.

“Faça sol, faça chuva, feriados ou domingos, não pára de vender e aos domingos, reservados para agradecer a Deus pelos dons, sempre deixa alguém para cuidar do seu negócio. O segredo da longevidade da sua actividade é a perseverança, pois, segundo conta, uma pessoa não determinada pode desistir a meio do percurso.

“Sou casada e para além dos meus quatro filhos biológicos existem em casa mais seis filhos da outra esposa do meu marido e nunca faltou uma refeição condigna em casa. Em parte isso deve-se a este trabalho que parece insignificante”, disse.

O APITO DO COMBOIO RENASCE A ESPERANÇA



MARTA Machaieie vive no bairro da Maxaquene “A”. Mesmo com idade avançada continua a fazer parte daquelas mulheres que lutam pela sobrevivência vendendo verduras.

Por conta da idade já não aguenta chegar às zonas baixas e a sua salvação é o recurso a hortícolas que da Manhica são trazidas à cidade de Maputo através do comboio.

Lá no comboio, conta, as coisas também não se revelam fáceis. Se antes da seca comprávamos verduras a dois ou três meticais, agora tudo parte de cinco e ao acrescentarmos o valor para a obtenção de um lucro que compense o nosso sacrifício somos mal entendidos pelos consumidores.

“Na verdade as más nesta história, na óptica dos compradores, somos nós, mas não agravamos o preço por simples intenção. É em função do que encontramos na fonte”, explica.

Ainda na Maxaquene “A” encontramos uma anciã que carinhosamente é tratada por vovó Lúcia. Diz não conhecer sequer os seus anos de vida e nem o tempo da actividade de venda de verduras, mas garantiu serem muitos. “Estou a envelhecer aqui”.

Fala de dificuldades e inúmeros prejuízos nos últimos dias, mas mesmo assim não deixa de procurar o seu ganha-pão, justamente para não recorrer à esmola, que para além de não dignificar é um risco à vida.

“Eu não tenho quem me ajude. Com a idade que tenho já devia estar num repouso mas a carestia da vida me obriga a andar nesta ginástica diária que nos últimos dias é sinónimo de sofrimento. De esmola não gostaria de viver, pois ao deambular pelas ruas corre-se o risco de atropelamento”, disse.

Contou-nos que tem como fonte as machambas da zona do Romão, arredores da capital, onde com a seca a verdura também é escassa e cara. Uma vez conseguido o produto liga para os homens das carrinhas, que vão ao seu encontro.

Entretanto, não são somente mulheres idosas que se dedicam a este negócio aparentemente pequeno mas com grande impacto em muitas famílias. Etelvina Fernando é uma jovem mãe que no meio de idosas vende verduras no mercado informal de Mahlampswene, na Matola.

Do bairro Nkobe rumou para Mahlampswene em busca de melhores oportunidades de negócio. Para ela, as madrugadas já não são para o repouso mas sim para dar início a mais um dia de trabalho.



Sem férias, folgas, nem feriados, por ter que sustentar os seus quatro filhos e sozinha, Etelvina Fernando disse-nos que faz de tudo para nunca voltar sem o seu produto de venda. “Se não consigo comprar hortícolas no Nkobe vou a outros locais, como por exemplo no bairro e/ou zona de Patrice Lumumba.

No “Mahlampsene” e noutros pontos de Maputo e Matola as mulheres é que assumem a dianteira na venda de verduras e para tal dependem da produção nos campos de Mahoche, distrito da Moamba, Mavoco e Mulotane, no distrito de Boane, Manhiça, entre outros pontos.

<http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/pagina-da-mulher/50516-mulheres-que-lutam-para-alimentar-familias-venia-as-heroínas-anonimas>